

O PENSAMENTO EXISTENCIALISTA EM PAULO FREIRE E O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO DO SUJEITO

THE EXISTENTIALIST THOUGHT IN PAULO FREIRE AND THE PROCESS OF SUBJECT HUMANIZATION

EL PENSAMIENTO EXISTENCIALISTA EN PAULO FREIRE Y EL PROCESO DE HUMANIZACIÓN DEL SUJETO

Lilia Katia Sousa Guimarães ¹

Resumo

Este artigo analisou a influência do existencialismo na obra de Paulo Freire, em relação à constituição do sujeito. Buscou-se compreender, também, como a filosofia existencialista pode contribuir para o desenvolvimento intelectual e argumentativo do educando, além da formação de uma consciência crítica. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa. Concluiu-se que a filosofia existencialista de Sartre e a obra de Paulo Freire convergem quanto à concepção ontológica do ser humano, pois ambas visam a emancipação dos indivíduos.

Palavras-chave: Paulo Freire; existencialismo; educação; humanismo.

Abstract

This article analyzed the influence of existentialism in the work of Paulo Freire, in relation to the formation of the subject. We also sought to understand how existentialist philosophy can contribute to the intellectual and argumentative development of the student, in addition to the formation of a critical consciousness. Regarding the methodology, it is bibliographic research, with a qualitative approach. It was concluded that Sartre's existentialist philosophy and Paulo Freire's work converge regarding the ontological conception of the human being, since both aim at the emancipation of individuals.

Keywords: Paulo Freire; existentialism; education; humanism.

Resumen

Este artículo analizó la influencia del existencialismo en la obra de Paulo Freire, en relación con la construcción del sujeto. También buscó comprender cómo la filosofía existencialista puede contribuir para el desarrollo intelectual y argumentativo del estudiante, además de la formación de una conciencia crítica. Sobre la metodología, se trata de una investigación bibliográfica, con enfoque cualitativo. Se concluyó que la filosofía existencialista de Sartre y la obra de Paulo Freire convergen en la concepción ontológica del ser humano, pues ambas apuntan a la emancipación de los individuos.

Palabras-clave: Paulo Freire, existencialismo, educación, humanismo.

1 Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o pensamento existencialista em Paulo Freire, que concebe o aluno como um ser em construção e centro da ação pedagógica. Busca refletir,

¹ Licenciada em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: liliafilosofia@gmail.com.

a partir da literatura especializada, um conceito de sujeito social, afinado com princípios políticos e pedagógicos da educação popular.

Na tentativa de reunir o máximo dos escritos de Paulo Freire, a atenção e análise se voltaram para as seguintes obras: *Pedagogia do Oprimido*, *Conscientização e Educação Como Prática da Liberdade*. Destarte, buscou-se descrever, sucintamente, a relevância desse sujeito em construção na práxis educativa. A finalidade da pesquisa é refletir sobre a existência humana como parte central da ação pedagógica, analisando a influência do existencialismo no pensamento de Freire e na construção desse sujeito; ademais, busca-se compreender como esse pensamento pode contribuir no processo de desenvolvimento da consciência do indivíduo, em um processo de reconstrução permanente.

Para tal, empregou-se, como procedimento, uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, e com referenciais teóricos que visam compreender o pensamento existencialista para a formação de um sujeito que toma consciência de sua realidade humana, em um processo dialógico de ensino e aprendizagem. Houve, também, uma investigação minuciosa em artigos científicos, revistas científicas, periódicos e obras de autores conceituados, como Freire, que afirmava que o homem é um projeto que tem a capacidade de captar sua realidade, conhecê-la e transformá-la, e Sartre, que indicava que o homem é um projeto existencial que se lança no mundo e vai se construindo de acordo com suas escolhas livre — entre outros autores que deram suas contribuições para maiores esclarecimentos.

Para a compreensão do artigo, será necessário analisar a proposta de Paulo Freire à educação; assim, esboçaremos, brevemente, sua biografia, pois é essencial conhecer o contexto que vivenciou e seus pensamentos, que ocorrem em meio à vida social e a serviço dos oprimidos. Freire reconhece o valor do ser em si mesmo; propõe um sujeito que considera seriamente sua vida, história e a história do seu povo, principalmente a dos pobres à margem da sociedade. O sujeito histórico é, então, fruto de um percurso de aprendizagem e superação de estágios de consciência — consciente de suas relações com os outros e com o mundo.

2 Freire, vida e contexto

Paulo Freire é um pensador que não teve medo de viver com profundidade sua existência, enquanto ser no mundo e com o mundo; foi aberto, livre e autônomo, coerente em sua concepção de história e existência humana. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização quanto para a formação da consciência. Defensor do diálogo, escreveu sua célebre obra *Pedagogia do oprimido - um método de*

alfabetização dialético; frequentemente, era acusado de ser polêmico e idealista, o que não o impediu de se comprometer com a vida e sua história.

É importante identificar as transformações culturais, econômicas e políticas decorrentes do período registrado na história do Brasil como governo militar, ocorrido entre 1964 e 1985, para entender a consolidação do pensamento de Paulo Freire, expresso na *Pedagogia do Oprimido*.

Freire, absorvendo as ideias existencialistas de filósofos como Jean-Paul Sartre, concebe o homem como um ser inacabado, que está constantemente em busca de sua autoconstrução; um ser que vive em sua complexidade e, ao mesmo tempo, dinâmico, mas capaz de construir sua realidade.

Os homens enquanto ‘seres - em - situação’ encontram-se submersos em condições espaço-temporais que influem neles e nas quais eles igualmente [...] quanto mais refletirem de maneira crítica sobre sua existência, e mais atuarem sobre ela, serão mais homens (FREIRE, 2001, p. 33)

Incomodado com a desigualdade social no país, uma sociedade governada pelos interesses das classes dominantes, Freire viu na educação as possibilidades de transformação e libertação do seu povo de uma condição servil e opressora. Portanto, se a compreensão da realidade for alienada ou ingênua, sua ação sobre ela ocorrerá da mesma forma — e a hegemonia já estabelecida se fortalecerá. A partir do despertar de uma consciência crítica, através da intervenção de um processo educativo, ocorrerá uma qualificação na integração e transformação da realidade do mundo (FREIRE, 2005).

Freire, então, propõe uma pedagogia libertadora que pudesse libertar os sujeitos em sua condição de subjugados e analfabetos, não na perspectiva somente da leitura, mas, também, da leitura de mundo — uma pedagogia que seja dialogada e construída coletivamente pelos próprios sujeitos (FREIRE, 2016).

Na compreensão da história como possibilidade, o amanhã é problemático. Para que ele venha é preciso que o construamos mediante a transformação do hoje. Há possibilidades para diferentes amanhã. A luta já não se reduz a retardar o que virá ou a assegurar sua chegada; é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção. Assumirmo-nos como sujeitos e objetos da história nos tornam seres da decisão, da ruptura. Seres éticos (FREIRE, 2000a, p. 40)

Paulo Freire objetivava transformar a situação de desigualdade existente entre os menos favorecidos, os mais pobres, e os mais favorecidos, os donos de propriedade, procurando legitimar a afirmação individualizada do explorado, por via alienadora do sistema político e econômico. Logo, a pedagogia de Paulo Freire, como método de alfabetização, tem como ideia

central a “educação como prática da liberdade”; porém, em regime de dominação, só se pode produzir e desenvolver na dinâmica de uma “pedagogia do oprimido” (FREIRE, 1987, p. 12).

No Brasil, a colonização foi extremamente predatória, levando a uma ampla exploração, tornando-o uma “empresa comercial” maior, onde o “poder dos latifundiários e senhores camponeses submetidos a essa massa nativa do lugar, fazendo o comércio de escravos àqueles que aceitam passivamente a sua situação, que segundo eles vieram do destino” (FREIRE, 1998, p. 25). Portanto, para o autor, é “a unidade dialética entre a leitura do mundo e a leitura da palavra que possibilita, cada vez mais, o atuar e o pensar sobre a realidade, suscitando a sua transformação” (FREIRE, 2006, p. 106).

Freire argumenta que, diante dessa realidade, o homem necessita ser integrante da transformação do mundo através de uma nova educação, para despertar sua criticidade e tomar consciência, pois o homem não pode ser apenas expectador e passivo, sem ter nenhuma ação no mundo em que vive.

Freire vivenciou uma realidade social complexa em sua infância e adolescência, o que menciona em seus textos: “as dificuldades que enfrentei com a minha família na infância e adolescência forjada em meu ser, não foram uma posição confortável no desafio, mas ao contrário, uma abertura de curiosidades e esperança para o mundo” (FREIRE, 2000, p. 30).

Essa complexidade da história de vida de Freire foi somente o início de sua pedagogia e visão crítica de mundo — registradas em vários textos, presentes em muitos continentes e em vários idiomas. Conduz os leitores a refletirem com intensidade seu “eu” na sociedade, política e educação, bem como às possibilidades da construção de um sujeito histórico, mas consciente de sua existência, sendo parte integrante do estar no mundo e com o mundo. Este contexto, entre tantos vivenciado por Paulo Freire, o levou a propor uma pedagogia para o povo, como método de alfabetização de adultos, uma prática que estimule o senso crítico do aluno, de modo a transformar sua realidade, transformando, assim, o mundo.

Freire, insatisfeito e crítico com a educação tradicional, que impõe conteúdos que emanam verticalmente e de fora, tomando o aluno como tábua rasa ou um papel em branco que está esperando ser preenchido pelo professor, dá-lhe o nome de educação bancária.

Se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe aquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de “experiência feita” para ser de experiência narrada ou transmitida. Não é de estranhar, pois, que nesta visão bancária da educação os homens sejam vistos como seres de adaptação, do ajustamento. Quando mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos (FREIRE, 2016, p. 107).

Freire propõe a superação desse ensino autoritário, sugerindo uma abordagem dialógica, pois, segundo ele, o aluno não é uma folha em branco, mas já chega com um saber restrito, que melhora qualitativamente no diálogo com o professor; ou seja, o aluno não é uma essência predefinida, mas um ser existencial — que se torna sujeito em um processo intersubjetivo, envolvendo professor e colegas.

Uma prática educativa dialógica e transformadora, que atua e intervém na realidade concreta, possibilita que os alunos utilizem ferramentas que auxiliem na superação e atuação no mundo. Portanto, “é um ser consciente de si, um ser ‘para si’, não poderia ser, se não estivesse sendo, no mundo com o qual está, como também este mundo, não existiria, se este ser não existisse” (FREIRE, 2016, p. 154).

Destarte, é notória a proximidade do pensamento de Freire e Sartre, na medida em que ambos situam seus pensamentos na fenomenologia e materialismo histórico-dialético; Sartre, por vezes, é citado por Freire, pois o existencialismo fez parte da constituição de sua teoria educativa.

2 O existencialismo é humanismo em Sartre

As pessoas pensam sobre temáticas variadas, e uma delas é a questão da liberdade, pois há uma necessidade de se sentirem livres no seu cotidiano.

O existencialismo é uma corrente filosófica em que sua primazia é a liberdade e responsabilidade individual do ser humano; teve seu início no pensamento de Sören Kierkegaard (1813-1855), um filósofo e protestante dinamarquês. Segundo ele, as relações do homem eram dominadas pela angústia e desespero — sentimento pelo qual o homem percebe a instabilidade de se viver em um mundo de acontecimentos possíveis, sem garantias de suas possibilidades serem garantidas; portanto, a existência humana é absurda e sem sentido.

Jean-Paul Sartre (1905–1980) foi um pensador francês considerado, muitas vezes, o principal representante da corrente existencialista. Suas principais obras são *O ser e o nada* (2005) e *Crítica da razão dialética* (2002), que defendem a liberdade e responsabilidade humana.

Em 1939, estoura a Segunda Guerra Mundial, e Sartre é convocado. Mesmo nesse período, consegue tempo para escrever, ler e produzir seus textos; contudo, em 1940, é feito prisioneiro das tropas alemãs, porém consegue escapar em 1941, voltando para Paris. Lá, une-se à Simone Beauvoir e amigos, fundando o grupo “socialismo e liberdade”, cujo objetivo é

lutar contra as forças opressoras alemãs que dominavam a França, privando seu povo da liberdade pelas tropas nazistas.

Sartre, em seu escrito *O existencialismo é humanismo*, nega a crença em Deus ou em qualquer força que determine o curso da existência humana, ou que exista um determinismo histórico. Neste texto, Sartre defende seus pensamentos de críticos que deturpam sua visão de homem no mundo e o acusam de ser anti-humanista, como se a existência fosse sem sentido; entretanto, sua filosofia envolve a existência humana e sua relação com o outro e o mundo, responsabilizando o homem por sua própria liberdade.

O existencialismo declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e se dá conta de ele escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade (SARTRE, 1973, p. 5).

Segundo o existencialismo de Sartre, o homem é um projeto existencial, que foi lançado ao mundo, “primeiro o indivíduo existe, se descobre, surge no mundo e só depois irá se definir, ou seja, primeiro ele é “nada”, só depois será e o será conforme se fizer de acordo com que tiver projetado.” (SARTRE, 2012, p. 19). O ser está constantemente fazendo a si mesmo por meio de suas livres escolhas, ou seja, são as decisões livres que o indivíduo toma que determinam seu ser, sua essência (SARTRE, 1984).

O existencialismo ateu de Sartre estabelece que o homem se constrói através das relações com o mundo, e que o homem é seu próprio legislador, excluindo, *a priori*, a existência de um ser divino que determinaria a sua existência no mundo.

Não há outro universo senão o universo humano, o universo da subjetividade humana. (...) humanismo, porque recordamos ao homem que não há outro legislador além dele próprio, e que é no abandono que ele decidirá de si; e porque mostramos que isso se não decide com voltar-se para si, mas que é procurando sempre fora de si um fim-que é tal libertação, tal realização particular- que o homem se realizará precisamente como ser humano (SARTRE, 1973, p. 27).

Portanto, Sartre define o homem como o único responsável pela sua liberdade, no despertar do homem para a vida, um sujeito consciente do “ser- para- si ’, e de “ser- no- mundo”, capaz de superar as angústias e a náusea, pois o homem é dono e controlador de seu futuro; porém, ao se fazer, ele faz o outro.

Assim, sou responsável por mim e por todos, e crio certa imagem do homem por mim escolhido; escolhendo-me, escolho o homem. [...] além de que, dizer que inventamos valores não significa senão isto: a vida não tem sentido a priori. Antes de viverdes, a vida não é nada; mas de vós depende dar-lhe um sentido, e o valor não é outra coisa

senão esse sentido que escolherdes. Por isso, vedes que há possibilidade de criar uma comunidade humana (SARTRE, 1973, p. 13-27).

Paulo Freire se assemelha ao homem ontologicamente de Sartre, ao citar que o homem não pode viver passivamente no mundo, sendo somente um expectador. Destarte, necessita ser integrante da transformação do mundo, despertando uma consciência crítica de sua realidade no mundo e com o mundo; concebe, também, cada indivíduo como autor responsável pela construção de sua existência e de seu saber, isto é, um ser em construção.

3 A pedagogia de Paulo Freire

Na concepção de Paulo Freire, em sua pedagogia libertária ou pedagogia do oprimido, o educador é o responsável por despertar a conscientização da opressão das classes, econômica e politicamente desfavorecidas. Segundo Freire, o indivíduo é um ser pensante, possuidor de subjetividade e capaz de interferir e contribuir na transformação da sociedade e de seus valores, através do que ele chama de sua práxis de alfabetização. Esse movimento de educação revolucionário iniciou em 1962, no Nordeste, com adultos — em uma das regiões mais pobres de nosso país, procurando transformar a situação de desigualdade pertinente.

O educador, preocupado com o problema do analfabetismo, dirigiu-se sempre às massas que se supunham “fora da história”; a serviço da liberdade, sempre dirigiu-se às massas mais oprimidas, confiando em sua liberdade, em seu poder de criação e de crítica. Os políticos, ao contrário, não se interessavam pelas massas, senão na possibilidade de estes serem manipulados no jogo eleitoral (FREIRE, 1979, p. 21).

Esse método de alfabetização consistiu em trabalhar com 300 trabalhadores analfabetos no período de 45 dias, cujos resultados superaram suas expectativas. Seu método foi aplicado em todo o país, pois Freire acreditava na capacidade que homens e mulheres possuem de superar as suas situações-limite — principalmente, a exploração historicamente imposta. Transformar a realidade, libertando oprimidos e opressores, é a preocupação responsável por engendrar a pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora. Ao sistematizar toda a sua obra em prol “da luta constante contra qualquer forma de discriminação”, a favor do humanismo, da ética, da bondade, ele se posiciona, claramente contra “a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura” (FREIRE, 1996, p. 115).

Como Freire almejava tornar os oprimidos conscientes de sua realidade, o que ameaçava a estabilidade e a segurança da sociedade fundada nos princípios de uma sociedade exclusiva e opressivamente dominante, ocorreu um enorme desconforto da elite, que reagiu negativamente,

fazendo graves acusações a Paulo Freire, chamando-o de agitador político e comunista de massas.

É preciso [...] que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser (FREIRE, 1996, p. 78).

Paulo Freire foi preso no golpe de Estado feito pela junta militar contra o governo de João Goulart e exilado (FERREIRA, 2011), impedindo a realização do primeiro plano nacional de educação popular; porém, mesmo fora do país, continuou sua pesquisa em outros países da América Latina (GADOTTI, 1996).

Segundo Freire, a libertação está em superar e melhorar suas circunstâncias, lançar e declarar uma guerra contra o analfabetismo —mal supremo que impede a comunicação entre os homens (FREIRE, 1990).

No entanto, essa luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos; esta é a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos: libertar a si e aos opressores. Estes que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter a força de libertação dos oprimidos, nem de si mesmos; logo, só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos (FREIRE, 2006).

Freire ressalta a importância que o indivíduo tem de compreender sua vocação ontológica, como ponto de partida para se obter, nessa análise, uma consciência libertadora, pois o sujeito só poderá chegar a essa consciência do seu contexto e do seu tempo na relação dialética com a realidade, pois, só desta maneira, terá criticidade para aprofundar seus conhecimentos e tomar atitudes frente a situações objetivas, visto que, segundo ele, “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo” (FREIRE, 1988, p. 77).

Essa transformação social é o ponto de partida da educação libertadora, libertação não só individual, mas, principalmente, coletiva, social e política. Na práxis educativa libertadora, existe uma relação recíproca entre professor e aluno, exigindo-se, nessa troca, atitudes de transformação da realidade conhecida.

Portanto, a pedagogia que parte dos interesses egoístas dos opressores — egoístas camuflados de falsa generosidade — faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, que mantêm e encarnam a própria opressão; isto é, é instrumento de desumanização. Esta é a razão

pela qual esta pedagogia não pode ser elaborada, nem praticada pelos opressores (FREIRE, 2016)

Dessa forma, há um temor pela liberdade por parte dos oprimidos, tendo em vista que esta, para ser efetivada, exige responsabilidade com a humanidade. Os oprimidos “[...] acomodados e adaptados, ‘imersos’ na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la” (FREIRE, 2016, p. 69).

4 Educação: o aluno como centro

É possível perceber algumas ideias abordadas do pensamento existencialista que se ligam a algumas reflexões de cunho pedagógico, em que o aluno é o centro da ação pedagógica, pois é o aluno o agente do seu próprio aprendizado; porém, é o professor quem vai observar o rico manancial de potencialidade que o aluno já possui.

Na pedagogia libertária, ou pedagogia do oprimido de Paulo Freire, o docente se torna responsável por conscientizar o aluno da opressão das classes econômica e politicamente favorecidas, pois, como seres que refletem, pensam e dialogam, podemos mudar nossa realidade e a realidade da sociedade. Conforme Freire (2002), o trabalho do docente está em apoiar o educando, “para que ele mesmo vença suas dificuldades na compreensão ou no entendimento do objeto em estudo. Isso ocorre porque o homem é um projeto e, como tal, capaz de captar a sua realidade, conhecê-la e transformá-la” (FREIRE, 1981, p. 42).

Segundo Paulo Freire (1987), para que o sujeito se reconheça na sociedade e observe sua situação de dominado, ele necessita ser educado, pois o analfabeto não consegue reconhecer a dominação e acaba aceitando com passividade. Porém, para serem restauradas as relações humanizadas, é necessário desconstruir essa desigualdade social através de uma ideia de libertação, pois “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão.” (FREIRE, 1987, p. 29).

Paulo Freire, decepcionado com a educação tradicional, ao qual não propicia meios ao aluno de ser um indivíduo reflexivo, questionador e crítico, pois o ensino é baseado na concepção “bancária”, onde no aluno é depositado informações acabadas, tomando o aluno como uma tábula rasa, ou um papel em branco esperando ser preenchido por aquilo que o professor lhe transmitirá; logo, o educador busca métodos e práticas que auxiliem no aprendizado de jovens e adultos, pois, para Freire (1979, p. 72):

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador.

Na pedagogia libertária de Freire, não existe dominação, domesticação ou alienação, mas reciprocidade dialética entre aluno e professor, e o papel do professor é incentivar e proporcionar meios para que o aluno supere o estágio de ingenuidade e se torne sujeito ativo, crítico e consciente de sua realidade, tendo autonomia de seu pensamento. Nesta perspectiva, segundo Freire (1988), para que haja prática educativa libertadora e para que não seja negada a vocação ontológica do homem de “ser mais” (FREIRE, 1988, p. 52), é preciso que:

Primeiro quem sabe, saiba que não sabe tudo; segundo, que, quem não sabe, saiba que não ignora tudo. Sem esse saber dialético em torno do saber e da ignorância é impossível a quem sabe, numa perspectiva progressista, democrática, ensinar a quem não sabe (FREIRE, 2006, p. 188).

Para Freire, a educação é o único meio para a libertação do sujeito, por isso seu objetivo é transformar a educação, pois sua preocupação é com a construção do sujeito humano, livre de tudo aquilo que o aniquila, impedindo-o de ser um homem crítico e reflexivo da sua realidade e realidade do mundo, transformando e sendo transformado coletivamente, para que, através do processo educativo, os sujeitos se redescubram e vivenciem uma real liberdade.

Na concepção do existencialismo de Jean-Paul Sartre (1987), o homem ontologicamente é livre, ou seja, o ser age em uma liberdade de acordo com suas escolhas e responsabilidade; mesmo na angústia, náusea, desamparo e desespero, ele escolhe e escolhendo-se escolhe o outro. A tomada de consciência de si, do outro e do mundo do homem existencialista é a ação necessária para transformá-lo — com vistas a construir novas estruturas, por meio da ação subjetiva.

A relação entre a filosofia existencialista de Sartre e o educador Paulo Freire refere-se à concepção ontológica do ser humano; ambos visam uma ação educativa de emancipação do humano, para uma transformação social.

Faz-se necessário que o sistema educacional observe a relevância desse sujeito a ser construído na educação, como parte integrante e protagonista do ensino-aprendizado; um sujeito que atua ativamente, transformando a si mesmo e ao mundo, dando um sentido especial à educação e à sociedade.

No campo da educação, todo projeto educativo tem como substrato uma visão de homem e de mundo na qual a subjetividade está presente, pois, quando o homem toma conhecimento de sua subjetividade, deixa de ser objeto da sociedade.

Confundir subjetividade com subjetivismo, com psicologismo, é negar-lhe a importância que tem no processo de transformação do mundo, da história, é cair num simplismo ingênuo. É admitir o impossível: o mundo sem homens, tal qual a outra ingenuidade, a do subjetivismo, que implica homem sem mundo (FREIRE, 1987, p. 42).

A transformação do sujeito só se inicia quando é tomado por uma conscientização crítica que o leva a uma verdadeira libertação — para viver, plenamente, como sujeito histórico. Essa conscientização, como processo educativo, é a forma de organização política do oprimido, um instrumento de luta para a superação da realidade opressora.

É, pois, essencial que os oprimidos levem a termo um combate que resolva a contradição em que estão presos, e a contradição não será resolvida senão pela aparição de um “homem novo”: nem opressor, nem oprimido, mas um homem em fase de libertação. Se a finalidade dos oprimidos é chegar a ser plenamente humano, não a alcançarão contentando-se em inverter os termos da contradição, mudando somente os polos (FREIRE, 1980, p. 59).

Para Freire, a educação é uma práxis conscientizadora, isto é, a capacidade do sujeito de atuar e refletir, de transformar a realidade conforme suas finalidades delineadas pelo próprio ser humano, o que incentiva o sujeito a sair da condição de oprimido e se situar no mundo — não como mero espectador, mas um sujeito histórico que constrói sua própria história. Nesse processo de deixar de ser oprimido, o sujeito possibilita ao outro a sair da condição de opressor, transformando, assim, a relação de verticalidade para horizontalidade. Dessa forma, não existirá nem oprimido e nem opressor, pois ambos estarão em processo de permanente libertação.

E essa luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restaurados da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da liberdade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar ambos (FREIRE, 2006, p. 33).

A conscientização é o desenvolvimento da tomada de consciência, é o tornar-se um sujeito mais reflexivo e preparado por uma educação realmente democrática. Freire acreditava em uma práxis educativa que contemplasse o pensar e o concluir, não uma reprodução imposta e já pronta, mas de reflexão, argumentação e criticidade; ou seja, o ensino e aprendizagem precisam ser prazerosos. O aluno deve sempre o centro da ação pedagógica e o agente de sua história e realizações; já o professor, como mediador, precisa estar atento em proporcioná-lo as possibilidades.

[...] os homens são seres de práxis. São seres do quefazer, diferentemente, por isso mesmo dos animais, seres do puro fazer. Os animais não “admiram” o mundo. Imergem nele. Os homens, pelo contrário, como seres do quefazer “emergem” dele e objetivando-o, podem conhecê-lo e transformá-lo pelo seu trabalho (FREIRE, 1987, p. 121).

Para Freire, o bom professor é aquele que estabelece relações dialógicas de ensino e aprendizagem, não como detentor dos conhecimentos, mas aquele que aprende ensinando e ensina aprendendo; ou seja, juntos professor e aluno aprendem, sobretudo, aprende e ensina a partir da perspectiva de que é um permanente aprendiz de si mesmo, do outro e do mundo.

Segundo Freire, “ninguém educa ninguém, e ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1988, p. 68).

A educação voltada para a conscientização, reflexão e cidadania possibilitaria que todos os homens e mulheres sejam seres livres. Por isso, o processo educativo é o caminho necessário a se trilhar para a transformação, quando voltado para uma prática de liberdade, a partir do desenvolvimento de uma consciência reflexiva e crítica em relação à realidade.

Educar é um ato político, um ato de criação e recriação, deve constituir-se de diálogo permanente entre educador e educando; logo, esta relação dialógica é de suma importância no processo de construção da educação do sujeito, para a compreensão da estrutura social.

Paulo Freire (2006b) advertiu que faz parte da atitude ética do educador estabelecer um diálogo entre autoridade e liberdade, isto é, saber manejar o conhecimento tácito e indispensável, além de tudo o que pode ser questionado e criado a partir da experiência do aluno. Destarte, a construção de humanização do sujeito parte da relação dialógica entre professor/aluno/aluno/professor, mediatizados com o mundo.

5 Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar como o pensamento existencialista influenciou a obra de Paulo Freire; relaciona-se com na prática pedagógica defendida por Freire, em que o aluno é o centro da ação de sua pedagogia, no que tange, principalmente, à construção do sujeito. Freire e Sartre partem dos pressupostos da liberdade no sentido existencial, ou seja, uma condição de humanização; portanto, esta pesquisa nos conduziu a uma reflexão sobre o sujeito quanto à filosofia e a pedagogia. Observada pelo olhar do educador, a liberdade é entendida como um conceito coletivo. “não há educação fora das sociedades humanas e não há homens no vazio” (FREIRE, 2011, p. 51). Esta pesquisa nos direcionou a uma reflexão profunda a respeito do movimento da prática pedagógica e do olhar a ser direcionado para a formação do ser, onde o homem é o centro da atenção social e humana. Logo, reflete-se a

possibilidade de engajamento pela liberdade coletiva, tal qual o existencialismo pressupõe, para que os sujeitos sejam, de fato, sujeitos — a partir de uma prática dialógica e crítica pautada em princípios freireano. Procurando nessa prática, o exercício da práxis na experiência vivenciada, a partir da situação, realidades e contextos em que se vivem.

Referências

ARAÚJO, D. A relevância do ensino da filosofia existencial na Educação Básica. **NESEF Fil. Ens.**, Curitiba, v. 4, p. 62-74, jan./jun. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 158p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **À sombra da mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006b.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Conscientização – teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001. 102 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 32. Reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2009. 158p.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

FERREIRA, Jorge. João Goulart. **Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire**: uma bibliografia. São Paulo: Cortez, 1996.

LOURENÇO, S; MENDONÇA, V. A fenomenologia existencial em Paulo Freire: possíveis Diálogos. **Filos. e Educ.**, Campinas, v. 10, n. 3, p. 530-547, set./dez. 2018.

PITANO, S. de C. A educação problematizadora de Paulo Freire, uma pedagogia do sujeito social. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 1, p. 87-104, 2017. DOI: 10.5216/ia.v42i1.43774. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/43774>. Acesso em: 26 out. 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. (Coleção Os Pensadores - vol. XIV). São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigo. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2012.